

Ministro volta a defender ida ao FMI desde que não implique recessão

O ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, voltou a admitir na sexta-feira, em São Paulo, que o Brasil poderá ir ao Fundo Monetário Internacional (FMI), mas que sempre defenderá seus interesses. "Nós queremos continuar crescendo, não a recessão. Isso o FMI precisa entender. Podemos alcançar no ano que vem um déficit público de 2,2% do Produto Interno Bruto, não mais do que isso. O FMI gostaria que fosse menos."

"Conversei com o nosso representante no FMI e disse isso. Não temos condições de reduzir o déficit público menos do que os 2,2% já previstos. Não fazemos nada menor do que isso, aí sim seria recessão. Uma recessão brava, que não desejamos para o povo brasileiro", disse.

O ministro da Fazenda contou ainda que a promessa de os bancos oficiais colocarem no País novos recursos não foi cumprida. "Ao contrário, quando observaram que estávamos com as reservas baixas, pensavam que estávamos sem saída e que renegociaríamos nos seus termos. Não esperavam que as reservas brasileiras voltassem a crescer, o que está ocorrendo hoje", explicou Bresser Pereira.

"Por isso, adotamos a



Luiz Carlos Bresser Pereira

atual posição em relação ao Clube de Paris. Nossa política cambial não vai mudar. Nós pretendemos continuar com as minidesvalorizações atualizando o valor do cruzado em relação à inflação", afirmou o ministro da Fazenda.

Ele se mostrou ainda favorável a que os impostos que incidem sobre os automóveis prossigam elevados porque "carro é objeto de luxo no Brasil: a indústria automobilística deve produzir para exportar e vender um pouco no mercado interno".

Bresser Pereira entende que não há como se reduzir o imposto que incide sobre o automóvel. (AG)